

Revista Mundo Antigo

Entrevista Interview

ENTREVISTA:

Egito Romano no Brasil: estudos e perspectivas

INTERVIEW:

Roman Egypt in Brazil: studies and perspectives



Entrevistada (interviewed): Prof^ª Dr^ª Marcia Vasques (UFRN)¹

Entrevistador: Prof. Dr. Julio Gralha (UFF-ESR)

¹ Prof^ª Dr^ª em História e Arqueologia da UERJ. Coordenadora do Laboratório de Antropologia Biológica da UERJ. Professora do Curso de Arqueologia da UERJ.

Egito Romano no Brasil: estudos e perspectivas

Roman Egypt in Brazil : studies and perspectives

Professora Dra. Marcia Vasques, para darmos início a esta entrevista poderia contar-nos um pouco sobre sua trajetória acadêmica.

Meu interesse pela História Antiga e pela Arqueologia começou cedo, desde a adolescência, quando acalentava o sonho de ser arqueóloga. No entanto, naquela época, não havia muitos cursos disponíveis na área. Resolvi, portanto, cursar História e prosseguir os estudos em Arqueologia na pós-graduação. Toda a minha formação foi feita na Universidade de São Paulo, onde realizei a graduação em História, na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) e o mestrado e doutorado em Arqueologia, no setor de Arqueologia Clássica e Médio-Oriente, do MAE – Museu de Arqueologia e Etnologia. Desde então o Egito Antigo me interessava bastante. Mas como não havia um especialista em Egptologia no MAE (o que é fato até hoje) comeci minha iniciação científica estudando cerâmica romana com a Profa. Dra. Maria Isabel D'Agostino Fleming, com quem prossegui minha formação acadêmica. Como a especialidade de minha orientadora era Roma, seguindo o seu conselho, optei por me dedicar ao estudo do Egito Ptolomaico e Romano (mestrado) e somente Romano (no doutorado).

O estudo do Egito Romano me instigou bastante, pois abordar o contato entre as culturas egípcia, grega e romana se mostrou um desafio, pois para analisar a sociedade egípcia do período romano precisamos dar conta da versatilidade da época, com suas imbricações, hibridizações, permanências e adaptações de tradições, assim como inovações. No doutorado me dediquei ao estudo das máscaras funerárias que abarcavam um período que ia do século I a.C ao IV d.C. Interessava-me, então, verificar, conforme as regiões do Egito que selecionei (Baixo Egito, Médio Egito, Alto Egito, Fayum e Oásis de Kharga e Baharyia), a relação entre as culturas egípcia, grega e romana, que poderiam ser observadas no material funerário (na iconografia das máscaras, das cartonagens que envolviam a múmia, caixões etc.) e que variavam de acordo com a época e com a localidade. O encontro de culturas em um âmbito notadamente egípcio (o funerário) me suscitava (e ainda suscita) questões que envolvem desde as crenças na vida após a morte como a composição social

do Egito Romano, pois observando os mortos é uma forma de chegarmos à sociedade dos vivos algo, na verdade, indissociável no Egito Antigo.

Foi ainda refletindo sobre a religião funerária e a sociedade egípcia do período romano que realizei um estágio pós-doutoral (2014-2015) no Centro Golenischeff, na *École Pratique des Hautes Études* (EPHE), em Paris, sob a supervisão da Profa. Dra. Christiane Zivie-Coche, quando pude aprofundar os meus estudos nesta temática.

No Brasil, os estudos sobre o Egito Romano são relativamente recentes na Universidade, na Arqueologia e na História? A professora poderia nos dar um panorama das ações nesta área e suas perspectivas?

Os estudos sobre Egito Romano são relativamente recentes no Brasil tanto na História quanto na Arqueologia. A formação em História Antiga no Brasil, assim como em Arqueologia se deu, sobretudo, no âmbito dos Estudos Clássicos. O estudo do Oriente Antigo, como Egito e Mesopotâmia, sempre foi minoria. Enquanto a Arqueologia Clássica e a História Antiga grega e romana avançaram bastante e se consolidaram em grandes centros de estudos, sobretudo na região sudeste, a área da Egiptologia ficou mais centralizada no Rio de Janeiro por causa da presença do Prof. Ciro Flamarion Cardoso e também em decorrência da existência do Museu Nacional da Quinta da Boa Vista, com seu acervo da época imperial, cujo estudo atualmente está nas mãos do Prof. Antônio Brancaglioni Júnior e de sua equipe do SESHAT.

Diferentemente do que acontece com o Egito faraônico, o estudo sobre o Egito Romano se dá em mais de uma área de atuação. São egiptólogos, mas também helenistas e romanistas, que se dedicam ao período. O enfoque também muda conforme o pesquisador seja arqueólogo, papirólogo, epigrafista ou historiador. A preocupação com o estudo de períodos históricos não “clássicos” (faraônico para o Egito Antigo), caso do Egito Romano, acompanhou no Brasil o que acontecia já em outros países, em decorrência do interesse do estudo de épocas de crise, de colonizações e conquistas, que resultaram em grandes contatos culturais. Com a “virada culturalista” ocorrida na década de 90 do século passado, a ênfase em questões envolvendo cultura, encontros e embates, se deu no campo das Ciências Humanas de uma maneira geral. Tanto a História quanto a Arqueologia não ficaram isentas desta influência. Evidentemente que fora do Brasil, sobretudo, já existiam obras especializadas sobre o Egito Romano, mas o interesse pelo período cresceu vertiginosamente de uns tempos para cá. Desta forma, a perspectiva de crescimento dos

estudos sobre o período é promissora, na minha opinião. Ainda que a maior parte dos estudos sobre Egito ainda se centralize na época faraônica, conduta normal para uma Egiptologia em consolidação, a tendência é que, com o amadurecimento da pesquisa, haja uma amplificação e abertura do estudo de períodos históricos distintos.

Quanto aos núcleos e laboratórios de pesquisa estes parecem ser poucos. O NEHMAAT tem tentado incrementar tais estudos no Brasil, mas não tem sido muito fácil. A professora poderia fazer um relato deste cenário em relação ao Brasil e ao exterior?

A formação de um núcleo de estudos e de um laboratório depende de vários fatores que envolvem a presença de professores especializados, de alunos interessados e, sobretudo, verba decorrente de projetos e bolsas de pesquisa. O estudo sobre Egito Romano pode estar situado tanto em um laboratório de pesquisa de Egiptologia quanto de História Antiga de uma maneira geral. Embora a situação no Brasil, para o estabelecimento e a consolidação destes núcleos, seja complexa, creio que já possuímos núcleos estabelecidos em várias regiões do país e a tendência é o crescimento, pois houve nos últimos tempos uma ampliação da presença de professores especializados na área de História Antiga no país como um todo. Começar é sempre um grande desafio, mas estou otimista em relação a isto.

Fora do país os estudiosos se dividem, conforme afirmei anteriormente, pelas especialidades. É difícil discorrer sobre todos os núcleos de pesquisa existentes. Na França, por exemplo, uma grande especialista é a Profa. Françoise Dunand, professora emérita aposentada da Universidade de Estrasburgo. Juntamente com Dunand trabalha Gaëlle Tallet, da Universidade de Limoges, diretora atual da missão arqueológica francesa no sítio de El-Deir, Oásis de Kharga. As missões arqueológicas francesas no Egito vinculam-se, sobretudo, aos grandes institutos de pesquisa, a IFAO – Instituto Francês de Arqueologia Oriental e o CEALex - Centro de Estudos Alexandrinos. Na IFAO o Egito Romano não está separado dos estudos de egiptologia. Já o CEALex dedica-se ao estudo da cidade de Alexandria durante a Antiguidade.

A equipe italiana coordenada por Paola Davoli trabalha já há algum tempo nos vestígios das cidades do Fayum, em um projeto de arqueologia urbana. Ela desenvolve juntamente com Mario Capasso, ambos da Universidade de Salento, um projeto de estudo do sítio de Soknopaiou Nesos. No Médio Egito a necrópole de Hermópolis Magna, situada no sítio atual de Tuna el-Gebel, está sendo escavada e estudada pela equipe da

Universidade de Munique, chefiada por Dieter Kessler e em cooperação com institutos alemães e egípcios.

Além dos estudos propriamente arqueológicos, são muitos os especialistas que trabalham com a documentação escrita, sobretudo papirológica. Um grande especialista, já falecido, foi Naphtali Lewis, cujas publicações tratavam, em especial, sobre a História Social. O enfoque sobre o estudo social e a onomástica também pode ser observado, atualmente, nas obras de Yannie Broux, da Universidade de Leuven. Roger Bagnall, professor da Universidade de New York, é talvez quem tenha mais publicações sobre a História do Egito Romano, sendo papirologo e especialista em História Econômica do Egito helenístico, romano e bizantino. Estes são apenas alguns exemplos de especialistas que trabalham com o Egito Romano. Podemos concluir que eles estão locados em várias instituições fazendo parte de departamentos de História, de Estudos Orientais ou Clássicos.

4) A senhora poderia falar do núcleo de pesquisa MAAT o qual coordena na Universidade Federal do Rio Grande do Norte?

O MAAT – Núcleo de Estudos de História Antiga foi pensado originalmente dentro de um projeto de monitoria, que tinha como objetivo ser um instigador para os alunos ingressantes no curso de História, já que a disciplina de História Antiga é oferecida no primeiro semestre. Posteriormente, aliamos ao núcleo os projetos de pesquisa dos alunos de iniciação científica e os projetos de extensão. Portanto, o MAAT não funciona propriamente como um grupo apenas de pesquisa. No momento, estamos planejando a reformulação do *site*, o qual precisa de uma atualização.

5) Para os discentes, docentes e pesquisadores interessados no Egito Romano a professora poderia recomendar livros, periódicos e sites?

Livros:

ALSTON, R. *Soldier and Society in Roman Egypt. A Social History*. London, New York: Routledge, 1995.

ALSTON, R. *The city in Roman and Byzantine Egypt*. London, New York: Routledge, 2002.

BAGNALL, R.; RATHBONE, D. (Ed.). *Egypt from Alexander to the Copts. An Archaeological and Historical Guide*. London: The British Museum Press, 2004.

BAGNALL, R.; FRIER, B. W. *The demography of Roman Egypt*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

BOWMAN, A. *Egypt after the Pharaohs 332 B.C.-A.D. 642: from Alexander to the Arab Conquest*. Oxford: Oxford University Press, 1990.

FRANKFURTHER, D. *Religion in Roman Egypt: assimilation and resistance*. Princeton: Princeton University Press, 1998.

LEWIS, N. *Life in Egypt under Roman Rule*. New York: Oxford University Press, 1983.

MONTSERRAT, D. *Sex and society in Graeco-Roman Egypt*. London; New York: Kegan Paul International, 1996.

RIGGS, Ch. (Ed.). *The Oxford Handbook of Roman Egypt*. Oxford: Oxford University Press, 2012.

ROWLANDSON, J. (Ed.). *Women & Society in Greek & Roman Egypt*. A sourcebook. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

Periódicos:

AEGYPTUS – Rivista Italiana di Egittologia e di Papirologia

BIFAO – Bulletin de l'Institut Français d'Archéologie Orientale

Chronique d'Égypte – Bulletin periodique de la fondation égyptologique Reine Elisabeth

JEA – Journal of Egyptian Archaeology

JRA – Journal of Roman Archaeology

JRS – Journal of Roman Studies

MEFRA – Mélanges de l'École Française de Rome

Orientalia – Pontificium Institutum Biblicum

Revue d'Égyptologie

Sites:

IFAO - Institut Français d'Archéologie Orientale: <http://www.ifao.egnet.net>

CEAlex - Centre d'Études Alexandrines: <http://www.cealex.org>

IAE – International Association of Egyptologists: <http://www.iae-egyptology.org>

Tuna el-Gebel: <https://tunaelgebel.wordpress.com>

Biblioteca do MAE – Museu de Arqueologia e Etnologia da USP. Portal Hércules: <http://heracles.mae.usp.br/sistema/>

LARP – Laboratório de Arqueologia Provincial Romana. MAE – Museu de Arqueologia e Etnologia da USP: <http://www.larp.mae.usp.br>

SESHAT – Laboratório de Egíptologia do Museu Nacional - UFRJ: <http://www.seshat.com.br>

Professora Marcia poderia colocar um mini-curriculo. Titulação, instituição, núcleos, e algumas publicações.

Professora Associada I de História Antiga do Departamento de História e do PPGH – Programa de Pós-graduação em História - da UFRN. Possui graduação em História pela Universidade de São Paulo e doutorado na área de Arqueologia pelo MAE – Museu de Arqueologia e Etnologia da USP. De novembro de 2014 a agosto de 2015 desenvolveu pesquisa de estágio pós-doutoral com Bolsa CAPES no Centro Wladimir Golenischeff, na EPHE – *École Pratique des Hautes Études*, em Paris. Coordenadora do MAAT – Núcleo de Estudo de História Antiga da UFRN. Atua como pesquisadora colaboradora no LARP – Laboratório de Arqueologia Romana Provincial (MAE-USP) e no SESHAT – Laboratório de Egiptologia do Museu Nacional do Rio de Janeiro (UFRJ).

PUBLICAÇÕES:

Espaços territoriais e redes de poder no Egito Romano: imperialismo, religião e identidade. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, v. 18, p. 51-62, 2014.

Espaços urbanos e relações de poder no Egito Romano. *Romanitas: Revista de Estudos Grecolatinos*, Vitória, v. 3, série 3, p. 47-64, 2014.

Religião e práticas funerárias no Egito Romano. In: PORTO, V. C.; SILVA, M. A. de O.; POZZER, K. M. P. (Ed.). *Um outro mundo antigo*. São Paulo: Anablumme, 2013. p. 197-227.

Máscaras funerárias do Egito Romano: crenças funerárias, etnicidade e identidade cultural. Rio de Janeiro: Publit, 2015 (no prelo).

Link para o Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2044586970276129>